Globethics Repository



Futebol, ontem e hoje [Football, yesterday and today]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Castro, Ruy
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-18 06:08:37
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162480

sempre desejou aplicar tal perspectiva ao seu próprio país, como representante de países dominados no plano do poder mundial. Além de suas lutas pela Física e outras ciências no Brasil, também procurou fazer isso em escala continental, com os intercâmbios propiciados pela escola latino-americana de Física. Lembro-me de suas aflições com a derrota da seleção em 1950, com a morte de Vargas, com a deposição de Jango. De suas alegrias com o trabalho, com a fruição da música e da pintura. Do ponto de vista de seus netos, com quem dialogava freqüentemente sobre futebol, ele representou o milagre de um cidadão de país dominado tendo podido contribuir para resultados na física por meio dos quais outros puderam ganhar o prêmio Nobel. Ele teve outras satisfações ao vencer adversidades e ter podido contribuir para muitos.

Entrevista da Semana

Futebol: ontem e hoje

Entrevista com Ruy Castro

Dando continuidade à discussão levantada pela matéria de capa da edição 184 da ***IHU On-Line,*** de 12 de junho de 2006**,** *Futebol: mística, identidade e comércio,* publicamos a seguir a entrevista exclusiva concedida pelo jornalista, tradutor e escritor, Ruy Castro, por e-mail à ***IHU On-Line.***

A partir de suas obras, Ruy Castro consagrou-se como um dos escritores brasileiros mais respeitados na atualidade. Entre seus escritos, destacamos ***O Amor de Mau Humor***. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; ***O Anjo Pornográfico – A Vida de Nelson Rodrigues***. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; ***Saudades do Século 20***. São Paulo: Cia. das Letras, 1994 e ***Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha***. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

***IHU On-Line* - O futebol virou um grande negócio. Quais as principais diferenças para a época do Garrincha, por exemplo?**

Ruy Castro – Uma delas você já falou: o futebol virou um grande negócio. No tempo de Garrincha, ou seja, nos anos 1950 e parte dos 1960, os clubes viviam da arrecadação nos estádios e das "contribuições" dos sócios ricos. Os jogadores recebiam o salário em dinheiro, na boca do caixa. Saíam dali e, quando chegavam na esquina, já tinham gastado a metade. Nenhum deles ficava rico. Muitos tinham outro emprego além do futebol. Não se vendia publicidade no campo, nem na chuteira, nem no agasalho. Praticamente não havia a televisão. Em compensação, o Maracanã recebia públicos acima de 100 mil pessoas toda semana. Não estou querendo dizer que naquela época o futebol fosse melhor -- exceto, talvez, pelo fato de que era mais

ofensivo (cada time tinha pelo menos quatro atacantes!).

***IHU On-Line* - O senhor misturou literatura e futebol, por que isso? Qual seu envolvimento com o futebol?**

Ruy Castro – Não misturei literatura com futebol, porque não faço exatamente literatura -- faço biografia ou reconstituição histórica, e a literatura está mais para a ficção. Mas, como torcedor -- do Flamengo, lógico --, meu envolvimento é total e vem de longa data. Gosto sinceramente de futebol e ele tem me acompanhado pela vida toda. Já não vou ao Maracanã como antigamente, mas assisto a todos os jogos do Flamengo ou ouço-os pelo rádio -- o José Carlos Araújo, da Rádio Globo, fala nas transmissões: "É o Mengão do Ruy Castro". As pessoas conhecem mais o meu livro sobre o Garrincha, *Estrela solitária*[21] e, por causa dele, alguns até pensam que sou Botafogo -- mas, se olharem a orelha do livro, verão que, atrás de mim na foto, está uma flâmula do Flamengo. E sou autor também de um livro sobre o clube: ***Flamengo -- O vermelho e o negro***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

***IHU On-Line* - Futebol e política andam de mãos dadas?**

Ruy Castro – Não, não andam de mãos dadas, embora, às vezes, os políticos tentem se aproveitar dele. Há casos escabrosos, como o do Eurico Miranda, que se aproveita de ser presidente do Vasco para se eleger deputado e, com isso, ter imunidade parlamentar. Resta ao torcedor do Vasco deixar de ser babaca e parar de votar nele, tanto para deputado quanto para presidente do clube. Aliás, nenhum dirigente que usa seu clube para se eleger na política deveria ser eleito.

***IHU On-Line* - Como se dão as relações entre jornalistas e jogadores de futebol? Que experiência poderia contar desses bastidores?**

Ruy Castro – No passado, alguns jornalistas eram quase empregados de certos jogadores -- não pelo dinheiro, mas pela adoração. Nos anos 1930 e1940, o repórter José Maria Scassa era secretário particular do Leônidas da Silva. Nos anos 1950 e 1960, o Sandro Moreyra, também famoso repórter, era tão amigo de Garrincha que encobria todas as suas peraltices -- chegava a botá-lo debaixo do chuveiro para fazer passar as suas carraspanas, e só depois o levava para treinar no Botafogo. E, até hoje, existe uma admiração quase homossexual dos jornalistas botafoguenses mais antigos pelo Nilton Santos. Acho que, no passado, os jornalistas eram mais torcedores do que hoje. O Fernando Calazans e o Roberto Assaf, por exemplo, são Flamengo, mas, pela maneira como eles malham o time pelo jornal e pela televisão, não se suspeita disso.

***IHU On-Line* - Hoje se o senhor tivesse que escrever um livro sobre algum craque como Garrincha, quem o senhor escolheria e por quê?**

Ruy Castro – Nenhum. Já fiz dois livros sobre futebol e acho que está bom -- não gosto muito de me repetir nos assuntos.

***IHU On-Line* - Quais as principais mudanças que assinalaria no futebol e na forma de acompanhar e "torcer" na Copa do Mundo entre a época de Garrincha e a atual?**

Ruy Castro – Hoje, se deixarmos, ficamos com indigestão de futebol na Copa do Mundo. No passado, a Copa era facultativa – acompanhávamos, se

[21] **CASTRO, Rui.** ***Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha***. São. Paulo: Cia das Letras, 1996. (Nota da ***IHU on-Line)***

quiséssemos e, mesmo assim, era preciso esforçar-se para receber as notícias (pelo rádio ou pelos jornais). Agora ela é compulsória e não te dá tempo para mais nada. Mas, como sou meio ocupado, só ligo a televisão na hora dos jogos, ignoro aquela interminável "lingüiça" (até os treinamentos e ginásticas são transmitidos!) e muito raramente vejo uma resenha depois do jogo. Além disso, tem aquela coisa: só torço pela seleção se ela jogar bem. O único time que pode jogar mal, perder de todo o mundo e, mesmo assim, continuamos fiéis a ele, é o nosso clube.

Artigo da Semana

O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental

O boletim eletrônico *Periscópio*, uma publicação mensal da Fundação Perseu Abramo, vinculada ao Partido dos Trabalhadores, aborda, em sua edição n° 58, junho de 2006 a relação da ética com a política. Segundo o boletim, ainda não foi superado o esforço do padre Henrique de Lima Vaz em reconstruir as bases de uma ética universal, de fundo transcendental, capaz de responder e dialogar com o enigma não resolvido da modernidade. O pensamento de Henrique de Lima Vaz - definido como o cristão mais erudito do Brasil -, procurou durante mais de quatro décadas responder a seguinte questão: "Como fazer frente ao espírito de cisão dos valores do sentido da vida que expõe dramaticamente a vida moderna aos tumultos da violência e barbárie?"

"O pensamento do padre Vaz - conclui o artigo, que não é assinado - está no centro de uma síntese ética que a civilização brasileira, em seu processo de autoformação, ainda não foi capaz de cumprir". O artigo foi publicado também nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, no dia 13.6.06. Sobre o Padre Vaz a *IHU On-Line* dedicou um tema de capa na edição 19 do dia 27 de maio de 2002 por ocasião de sua morte.

É na obra filosófica monumental do padre Henrique de Lima Vaz que se expressou na cultura brasileira o esforço mais sistemático de reconstruir as bases de uma ética universal, de fundo transcendental, capaz de responder ao enigma irresolvido da modernidade. Dialogar com este esforço é fundamental para se avançar na formulação de uma ética pública com base no diálogo entre marxistas e cristãos na cultura petista.

Se na obra de Marx o tema da ética, como esfera relativamente autônoma da práxis foi internalizado na crítica às dimensões objetivamente desumanizantes do capitalismo, na